

Emoção e Poesia na ABR em Fortaleza

A reunião da Academia Brasileira de Reumatologia (ABR) foi realizada no dia 23 de março de 2007, no âmbito da Jornada Norte-Nordeste de Reumatologia, organizada pela Sociedade Cearense de Reumatologia, representada pelo Dr. Francisco José Fernandes Vieira.

A primeira Conferência Nacional da ABR, presidida pelo acadêmico Antonio Carlos Ximenes e com apoio do Diretor Científico e de Eventos, acadêmico Aloysio Fellet, começou com poesia. Citando o poeta Fernando Pessoa, disse Ximenes, homenageando os ex-presidentes da Academia Brasileira de Reumatologia: "Coisas inexplicáveis são realizadas por pessoas incomparáveis, criando momentos inesquecíveis". Na Conferência de abertura da Jornada Norte-Nordeste o recém empossado acadêmico Eduardo Gonçalves, em seu discurso inaugural, avisou: "a vela está içada, a jangada está no mar. Corações escancarados em busca de saber. Aos que aqui vieram, o nosso calor e o "mimo" da nossa cearencidade. Que emoções tomem conta de nossos corações". E que emoções escondidas em seu coração aquecido pelas homenagens filiais, sentiu o acadêmico Prof. Geraldo Wilson Gonçalves ao ouvir o discurso do acadêmico Prof. Liipe Goldenstein!! Uma explosão de choro, vindo do coração, como disse, ao ouvir que o chamavam de sábio vitorioso, comparado a outros como Maimonides. "Seus méritos são derivados dos ternos primores do coração. Prefiro dissecar a sua sensibilidade, ao falar dos louvores do seu intelecto, porque se a inteligência é dádiva divina, a bondade é cultivo do homem. Enganam-se os que pensam que as vitórias profissionais superam os ganhos do coração".

Foi dada a posse a dois novos acadêmicos: Dr. José Carlos Cury, de Bauru (cadeira 51) e Dr. José Eduardo Gonçalves, de Fortaleza (cadeira 27). A seguir o Diretor de Eventos entregou diplomas aos acadêmicos que passaram à categoria de Acadêmicos Eméritos: Hilton Seda, Roberto Antônio Carneiro, Aloysio João Fellet, Geraldo Gomes de Freitas, Adil M. Samara e Achiles Cruz Filho.

Após a Tertúlia Acadêmica, seguiu-se o tradicional chá das 5 horas.

Ao final os organizadores enviaram um forte e ensolarado balaio de abraços. Esses cearenses são demais!

Próxima Conferência da Academia

O próximo encontro da Academia Brasileira de Reumatologia, dentro da Jornada Brasileira e da Jornada do Cone Sul de Reumatologia, acontecerá de 6 a 8 de setembro de 2007, em Blumenau, Santa Catarina. (www.praxis.srv.br)

Contato: praxis@praxis.srv.br



Os novos acadêmicos: Dr. José Carlos Cury e Dr. José Eduardo Gonçalves

PIONEIRO

Rubem Lederman nasceu em Recife e graduou-se médico pela Faculdade de Medicina de Pernambuco, em 1954. Fez Residência em Clínica Médica no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, já no ano de 1966, quando foi atraído para a Reumatologia, pelo forte carisma do Prof. Luiz Verztman. Foi eleito presidente da Sociedade de Reumatologia do Rio de Janeiro em 1976-78 e a

pedido do Prof. Verztman foi eleito presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia em 1982-1984, Comitê Científico da Panlar e Íbero Americano (1990-1998) e Presidente da Academia Brasileira de Reumatologia (1994-1996). Foi o fundador da Sociedade Brasileira de Osteoporose e seu primeiro presidente. Ajudou a realizar o Congresso Internacional de Reumatologia em 1989.



Membro titular da cadeira 34 da Academia Brasileira de Reumatologia

DIRETORIA BIÊNIO 2005-2006

PRESIDENTE
 Antonio Carlos Ximenes

1º VICE - PRESIDENTE
 Walber Pinto Vieira

2º VICE - PRESIDENTE
 Elizia Fernandes Lima

3º VICE - PRESIDENTE
 João Francisco Marques Neto

4º VICE - PRESIDENTE
 Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro

SECRETÁRIO GERAL
 Lauredo Ventura Bandeira

1º SECRETÁRIO
 Francisco de Almeida Conte

TESOUREIRO
 Mário Newton Leitão Azevedo

DIRETOR CIENTÍFICO / EVENTOS
 Aloysio João Fellet

CONSELHO DELIBERATIVO

**MEMBROS DA DIRETORIA
 EX - PRESIDENTES**
 Roberto Carneiro
 Aloysio J. Fellet
 Rubem Lederman
 Geraldo W. S. Gonçalves
 Ueliton Vianna
 Lipe Goldenstein
 Adil Muhib Samara

MEMBROS CONSELHEIROS
 Geraldo Gonçalves
 Joaquim Nava Ribeiro
 Aquilles de Almeida Cruz
 Hilton Seda

BOLETIM ACADÊMICO

CONSELHO EDITORIAL
 José Knoplich
 Roberto Carneiro
 Lauredo Ventura Bandeira

SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

SEDE PROVISÓRIA

Av. Isermino Soares de Carvalho, 742
 5º Andar – CEP 74075-040
 Setor Aeroporto – Goiânia – Goiás
 Tel: (62) 32255290
 (62) 99781896



**BOLETIM
 DA ACADEMIA
 BRASILEIRA
 DE REUMATOLOGIA**

Editado Pela Medgraf
 (11) 3826-7805

O universo da reumatologia no Cerrado brasileiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Ximenes



A primeira semente do universo da especialidade de Reumatologia no cerrado do bravo centro oeste brasileiro foi plantada em Goiânia, em 1960. Coincidiu com a fundação da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG), que foi uma das primeiras faculdades médicas no Brasil a ter a disciplina de Reumatologia. Este primórdio foi idealizado pelo Prof. Jacob Gamarski, vindo do Rio de Janeiro e, nesta ocasião, já destacado reumatologista nacional, assistente do Prof. Jacques Houli.

Realizou-se em Goiânia, em 1963, a Jornada Brasileira de Reumatologia. Nesta ocasião, em 21 de agosto de 1963, fundou-se a Sociedade Goiana de Reumatologia, tendo como seu primeiro presidente o Prof. Dr. Geraldo Pedra.

Em 1987 foi realizada, em Anápolis, a I Jornada do Centro Oeste de Reumatologia, sob a coordenação do Dr. Abrão Issa. A V Jornada Brasileira foi realizada em Caldas Novas, em 1979, sob a Presidência do Prof. Dr. Nílzio Antônio da Silva.

Após o falecimento do Prof. Gamarski, em 1985, o Serviço de Reumatologia da FMUFG passou à chefia do Prof. Nílzio Antônio da Silva, até os dias atuais, já tendo como auxiliares destacados nomes como Udirse Rodrigues do Nascimento, Alexandre Gabriel Jr., Antonio Carlos Ximenes, dentre outros.

Atualmente, em Goiânia, existem dois pólos de ensino e assistência na Reumatologia: o Hospital das Clínicas da UFG e o Hospital Geral de Goiânia – HGG – Ministério da Saúde – SES.

Nos últimos anos a história da Reumatologia, em Goiás, se identifica com a nacional e internacional, com a eleição de Nilzio A. da Silva para presidência da SBR (1990-1992) e Antonio C. Ximenes na presidência da SBR (1996-1998), Vice Presidência PANLAR (2002-2006), Secretária Geral PANLAR (2006-2008) e Presidente da ABR (2006-2008).

Há de se destacar em Goiânia a realização da XIV Jornada Brasileira e Centro Oeste de Reumatologia, em 1997 (presidente – Dr. Humberto Franco), e, do XXIV Congresso Brasileiro de Reumatologia, em 2002, (presidente – Dr. Nílzio A. da Silva).

Fazem parte da primeira geração de reumatologistas, formados na pós-graduação da UFG, os Drs. Jozélia Rego, Rafael Navarrete Fernandez, Amauri Lamounier, Fábila Mara Gonçalves Prates de Oliveira, Humberto Franco do Carmo e Rosane Vilela, e, hoje, a SGR já tem como associados mais de 3 dezenas de reumatologistas com título de especialista e como presidente o Dr. Marcelo Pimenta.

Em 25 de setembro de 1971 foi fundada a Sociedade de Reumatologia de Brasília, (presidente Luís Torquato de Figueiredo, diretora científica Maria Lúcia Gonçalves e tesoureira Helenice Alves Teixeira).

Hoje, essa regional tem mais de 40 especialistas. Sediou o XIX Congresso Brasileiro de Reumatologia, em 1992, sob a presidência da Dra. Maria Lúcia Gonçalves e a Jornada Brasileira, em 2005, presidente Dra. Ana Patrícia.

Atualmente existem 2 grandes centros formadores de Reumatologia em Brasília: o Hospital Universitário (HU), na chefia do Prof. Francisco Aires Correa Lima, e, o Hospital de Base, na coordenação do Dr. Mário Soares Ferreira.

A Reumatologia, no Mato Grosso do Sul, praticamente surgiu em 1973, com o então tenente Alexandre Gabriel Jr. que prestava serviço militar em Campo Grande e ministrava aulas de clínica médica, com interesse em Reumatologia, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). A outra semente da Reumatologia no MS surge, em 1974, com o Dr. Paulo Ajax Rolim, na cidade de Dourados. Em 1976, a Dra. Lídia Satiko Aracaqui Ayres, juntamente com o Prof. Alexandre Gabriel Jr. instituíram a disciplina de Reumatologia no Departamento de Clínica Médica da UFMS.

Em 1979 se agrega aos pioneiros da Reumatologia no Mato Grosso, o Dr. Izaías Pereira da Costa, Sonia M. Medeiros, Rosa M. Rondon, e, em 1987 é realizada a VI Jornada do Centro-Oeste de Reumatologia. Apesar de sua fundação ter sido em 1986, somente em 1993, graças ao esforço do Dr. Marcelo Cruz Rezende foi oficializada legalmente a Sociedade de Reumatologia do Mato Grosso do Sul (SOREMS). Atualmente a disciplina de Reumatologia da UFMS é chefiada e coordenada pelo Prof. Dr. Izaías Pereira da Costa. Em agosto de 1995, foi fundado o Serviço de Reumatologia da Santa Casa, tendo o Dr. Marcelo Cruz Resende como seu chefe.

A ASSOMATER (Associação Matogrossense de Reumatologia) sediará, em abril de 2007, a XVI Jornada Centro-Oeste de Reumatologia, oficial da SBR, no Pantanal, tendo como presidente o Prof. José Carlos do Amaral Filho. São também pioneiros no MT os Drs: Luis Sérgio Guedes Barbosa e, mais recentemente, os Drs. Vander Fernandes, Angelita Carlotto de Abreu, entre outros.

Será criada a SORETO (Sociedade de Reumatologia do Tocantins) na coordenação dos Drs. Emanuel Teles da Silveira e Fernando Lira, em Palmas.

A semente foi plantada e muitos frutos bons já foram colhidos no universo da Reumatologia do cerrado brasileiro (veja a história completa no site: www.academiareumatol.com.br).

Façamos homenagens a todos os reumatologistas brasileiros, de Waldemar Berardinelli a Fernando Neubarth.

Trabalhadores de Saúde no Brasil

O relatório “Trabalhadores de Saúde em Números”, publicado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mostra um crescimento, significativo, da disponibilidade de profissionais de saúde, em todas as regiões do país. O aumento médio do número de médicos foi de 23%, entre 1995 e 2003. Nesse mesmo período, o número de odontologistas subiu 63% e o de enfermeiros 92%.

O Brasil contava, em 1992, com aproximadamente 1,4 milhão de empregos (públicos e privados), na área da saúde, para uma população de quase 150 milhões de brasileiros, o que significa uma relação de 97 profissionais para cada 10 mil habitantes. Na década seguinte, em 2002, esse número chegou a 2.180 milhões de empregos (públicos e privados) para uma população de

quase 175 milhões de brasileiros (relação de 125 profissionais para cada 10 mil habitantes).

A OMS estima que, numa cobertura mínima, um país precisa ter pelo menos 25 profissionais, do setor, para cada 10 mil habitantes.

Atualmente, na região das Américas, a média varia entre 22 e 42 trabalhadores para cada grupo de 10 mil habitantes, sendo que há países que não atingem o mínimo estipulado e outros com proporção até dez vezes maior do que esses índices. Essa situação coloca o Brasil numa posição relativamente confortável na comparação com outros países, no que diz respeito à quantidade de profissionais de saúde.



Médicos no País estão aumentando...

Brasil tem hoje mais de 315 mil médicos em atividade, um para cada 560 cidadãos, muito mais que a relação de um para 1.000, recomendada pela Organização Mundial da Saúde. No Estado de São Paulo são mais de 90 mil médicos, um para cada 470 habitantes. Na capital e em cidades como Campinas e Ribeirão Preto, a proporção é de um médico para 260 cidadãos. Ainda assim, o Governo autorizou, outros três cursos de medicina no Estado de São Paulo.

Os últimos quatro ministros da Educação se superaram ao favorecer a indústria do ensino na área médica. O ministro Paulo Renato, em oito anos, permitiu a abertura de 45 faculdades de medicina (0,4 faculdade/mês), 27 particulares. Em apenas um ano, Cristovam Buarque autorizou o funcionamento de 07 faculdades (0,5 faculdade/mês), sendo 06 privadas. Tarso Genro permitiu a abertura de 16, em 18 meses (0,8 faculdade/mês), 15 privadas. E não ficando atrás, o atual ministro Fernando Haddad, em 18 meses, autorizou 18 novas escolas (uma faculdade/mês), 16 privadas.

Além de novas escolas médicas, houve um acréscimo constante e, não divulgado, de centenas de vagas em cursos de medicina já existentes. Nos últimos anos, alguns deles duplicaram ou até triplicaram o número de vagas, com o artifício da criação de dois turnos semestrais ou de um novo campus.

Enquanto as regiões sul e sudeste contam com uma quantidade excessiva de médicos, ainda há espaço nas regiões norte e nordeste para mais profissionais e cursos.

Existe hoje, no Brasil, cerca de 2.793 cursos na área de saúde, sendo que 51% está concentrado na região Sudeste, principalmente na cidade de São Paulo. Logo após vem a Região Sul com 21% da oferta, seguida das

demais, as quais, ao todo, somam 28%. Na Amazônia, por exemplo, local onde 80% das questões de saúde são resolvidas com ações de atenção básica, concentra-se apenas 6% do total de cursos distribuídos no país, com uma formação básica, considerada, inclusive, inadequada, de acordo com os dados da Cinaem – Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Médico.

Revalidar diplomas de médicos formados em Cuba

Na contramão da legalidade, o Governo Federal deu “um jeitinho” de validar diplomas de alunos de medicina, brasileiros, formados em Cuba, por meio de convênio com a Escola Latino-Americana de Medicina (Elam), sem que os mesmos tivessem se submetido a quaisquer provas que confirmassem a sua capacidade em lidar com as peculiaridades do nosso sistema de saúde e da população Nacional.

No entanto, é fundamental e, indispensável, a comprovação de que o médico está apto a responder às necessidades do sistema de saúde do Brasil. E isso vale para os médicos cubanos, bolivianos, americanos, europeus, enfim, para todos. Dados da Universidade de São Paulo, uma das responsáveis pela revalidação de diplomas dos estudantes formados em medicina no exterior, do período entre 1990 e 2001, confirmam como esse processo é essencial: 76% dos postulantes à revalidação desistiram, 6% foram considerados inaptos e apenas 18% foram considerados aptos a exercer a medicina no país.

Tecnoestresse: uma epidemia mundial

A mesma tecnologia que facilita a nossa vida, a cada dia, também poderá nos roubar alguns anos. Segundo especialistas, o estresse gerado pela evolução digital tem provocado dependência e inúmeros problemas de saúde. A tecnologia faz parte da nossa vida, evoluindo constantemente. Hoje, com os altos padrões de consumo da sociedade pós-industrial, a evolução dos meios tecnológicos se dá cada vez mais rápido e reflete na pressão



os apaixonados por novidades (10% a 15% da população), os hesitantes e mais cautelosos, que formam a maioria (50% a 60%) e os resistentes (30% a 40% das pessoas). Estes últimos têm dificuldades para lidar com a tecnologia e procuram evitá-la.

Os avanços tecnológicos originados para nos servir, proporcionar segurança e mais tempo livre acabaram, por outro lado, nos ocupando além do normal. O clima de irritação e ansiedade é crescente, e o nosso tempo tem sido cada vez mais curto.

Isso resulta no fato de que as pessoas vivem com a sensação de que nunca conseguirão acompanhar o ritmo das coisas. Por sua vez, essa reação de angústia e suas consequências para o estado de saúde são consideradas o mal do século XXI. “Tecnoestresse” é o nome dessa nova síndrome.

O psicólogo e pesquisador norte-americano, Larry Rosen, alertou sobre essa tendência mundial já nos anos 80, tanto em países desenvolvidos como subdesenvolvidos. So-

mente uma minoria (30% a 40%) da população procura evitar os recursos tecnológicos, por sentir dificuldade em lidar com o novo.

No Brasil, a psicóloga gaúcha Ana Maria Rossi, presidente da Associação Internacional de Gerenciamento do Estresse, no país (Isma-Br), conduziu um estudo com 1200 homens e mulheres, de 25 a 55 anos, em São Paulo e Porto Alegre, a fim de identificar as causas e os sintomas mais frequentes do tecnoestresse.

Na maioria dos casos estudados, o problema surge quando a pessoa não consegue usar os equipamentos de maneira equilibrada, não sabe lidar com eles, não compreende como eles funcionam e, principalmente, quando a tecnologia falha, por exemplo, quando o celular fica sem sinal ou o provedor de internet está fora do ar.

De acordo com o estudo da Isma-Br, 60% dos entrevistados declararam ser tecnoestressados, a maioria relatando sintomas físicos do estresse (veja abaixo).

sobre o ser humano para que ele se torne, também, cada vez mais veloz e produtivo.

A ordem é fazer sempre mais, mais rápido e melhor. O ritmo imposto pela era digital transformou a maneira de perceber o tempo e o nosso relógio biológico, mas, ainda não é possível conviver, pacificamente, com a mudança, pois, para acompanhar o passo da evolução tecnológica perde-se a percepção do ritmo natural dos acontecimentos.

Segundo pesquisa internacional, há três tipos de usuários dos recursos tecnológicos:

Dos 1200 homens e mulheres, de 25 a 55 anos, 60% se declarou tecnoestressado. Quanto aos sintomas:

86% relatou dores musculares e de cabeça,	35% apresentou distúrbios do sono e sono agitado,
83% sofre de ansiedade,	27% passou a comer mais, em geral, alimentos que podem ser ingeridos na frente do computador,
81% sente angústia,	40% dos entrevistados podem estar sofrendo de tecnoestresse sem saber,
67% tem dificuldade para se concentrar,	18% se deu conta do tecnoestresse e diminuiu o uso da tecnologia.
63% sente cansaço crônico,	
53% aumentou o consumo de álcool e drogas,	
41% ficou mais agressivo,	

Eis o blog, variável como nosso tempo

Gabriela Simionato Klein

Blog é a moda na internet de banda larga. Fácil de fazer. É mais ágil, mais juvenil, mais espontâneo. É tema de várias dissertações de mestrado e de teses de doutorado. Perfeito sinalizador do espírito do nosso tempo. É também vício de muita gente. E como é novo, não teve tempo suficiente para ter estabelecido um conjunto de regras de uso. O que as pessoas esquecem é que este mundo novo não tem manual, a graça dele é a ausência de regras, o território livre a ser explorado. Vale tudo. O blog pode ser também uma grande brincadeira. E todo o blog, oferecendo o que for, terá seus leitores, afinal diversas são as preferências humanas e o blog tem esta finalidade também, presentear a singularidade.

Numa época em que as pessoas fazem um milhão de coisas ao mesmo tempo, que a pluralidade de idéias é tão grande, não é à toa que as ferramentas de comunicação do momento sejam instigadoras,

rápidas, maleáveis, libertárias, libertinas. Isto é claro, dependendo de quem as empunha.

Esta forma de publicar acarreta uma mudança na forma de pensar. Escrevo e linko, conecto, incluo, amplio. Convido para o meu mundo, ao mesmo tempo em que deixo o leitor alterar o meu. O criador produz e joga na Rede, perdendo o controle da criatura, deixando que ela se torne algo maior que as suas limitações pessoais. E o blog pode estar aqui na esquina ou até em outro país, vivendo todos na verdadeira aldeia global, tão necessária para este mundo de hoje. Afinal, estamos todos linkados, não estamos?

Gabriela Simionato Klein é jornalista, radicada nos Estados Unidos, e também escreve no blog “Debaixo da Minha Pele”.

A volta do idiota

Mario Vargas Llosa

Há dez anos foi lançado o livro que teve grande sucesso “Manual do Perfeito Idiota Latino-Americano”, no qual Plínio A. Mendoza, Carlos A. Montaner e Álvaro Vargas Llosa, com humor e ferocidade, atacavam o dogmatismo ideológico e a cegueira política dos políticos responsáveis pelo atraso da América Latina. O livro defendia uma evidência histórica, isto é, a de que o verdadeiro progresso é indissociável de uma aliança indestrutível entre duas liberdades, a política e a econômica, ou, em outras palavras, entre democracia e mercado.

Os três autores voltam a publicar “El Regreso del Idiota” (em breve, no Brasil) em que dedicam-se a demarcar as fronteiras entre o que os autores chamam de “esquerda vegetariana”, com a qual quase simpatizam, e “esquerda carnívora”, que detestam. A primeira é representada pelos socialistas chilenos – Ricardo Lagos e Michelle Bachelet, por Lula da Silva, pelo uruguaio Tabaré Vázquez, pelo peruano Alan García. Esta esquerda já deixou de ser socialista na prática e é hoje a mais firme defensora do capitalismo - mercados livres e empresa privada –, embora seus líderes, em seus discursos, ainda rendam homenagem à velha retórica.

A “esquerda carnívora”, que há alguns anos parecia em vias de extinção, por enquanto figuram, de modo inequívoco, três trogloditas – Fidel, Chávez (é a estrela do livro) e o boliviano Evo Morales que representa a subespécie “indigenista” e poderá aumentar com o estreante presidente Correa, do Equador.

Os personagens inclassificáveis da lista são o presidente argentino Kirchner e sua bela esposa (e talvez sucessora), a senadora Cristina Fernández, mestres do camaleonismo político, pois, podem passar de “vegetarianos” a “carnívoros” e vice-versa em questão de dias ou mesmo horas, embaralhando todos os esquemas racionais possíveis (como fez o peronismo ao longo de sua história).

Apesar do bom humor, o certo é que, em boa parte da América Latina, há um claro retrocesso da democracia liberal e um retorno do populismo, inclusive, em sua variante mais cavernal: a do estatismo e do coletivismo comunistas.

Saindo da areia movediça

David Brooks

Wittaker Chambers rompeu com o Partido Comunista Americano em 1938, e, então, emergiu como um melancólico, mas, profundo, defensor da liberdade. Certa vez escreveu uma carta explicando que um ex-comunista tem certas vantagens para compreender a natureza verdadeiramente maligna de seu inimigo. “Às vezes sinto que é necessária uma mente maculada para compreender a ameaça do comunismo ou qualquer outro totalitarismo. É necessário ter-se sujado na lama: a visão que se tem do homem é corrompida para sempre. Compreender o comunismo significa compreender a terrível capacidade do homem para a violência e a traição, uma percepção daquilo que deixa alguém marcado para sempre.”

André Malraux leu a obra de Chambers e disse: “Você é um daqueles que não voltaram do inferno de mãos vazias”.

David Brooks é jornalista do New York Times.

Homenagem especial

O Serviço de Reumatologia do Hospital Santa Izabel, da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, lançou uma publicação que se chama “Juntas”, editado pelo atual chefe do Serviço, Mittermayer B. Santiago, que presta uma homenagem ao Prof. Dr. Lipe Goldenstein, fundador desse Serviço e atual Membro Honorário. Como Professor da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, o Dr. Lipe ministrou aulas para a maioria dos reumatologistas, em atividade, hoje, na Bahia.

Tensões entre o ocidente e o mundo islâmico

Universidade de Maryland, USA

Numa pesquisa realizada, entre novembro de 2006 e janeiro de 2007, com 28 mil pessoas de 27 países, incluindo o Brasil, 52% afirmam que as tensões entre o Ocidente e o Oriente são geradas pelo conflito de interesses e poder político, e 29% afirmam que diferenças religiosas e culturais são as principais causas. Enquanto 26% acreditam que diferenças fundamentais nas culturas representam o principal fator gerador de tensões, 58% afirmam que minorias intolerantes estão causando os conflitos.

Para 39% do total, essas minorias existem nos dois lados, 56% acreditam que é possível “um entendimento” e 28% acreditam no conflito violento e inevitável.

A opinião de que o conflito entre o ocidente e o islamismo é inevitável é, de certa forma, mais comum entre muçulmanos (35%), do que entre cristãos (27%) ou outras religiões (27%).

A maioria dos brasileiros (60%) acredita que o entendimento entre islamismo e ocidente é possível, quase o dobro daque-

les que acham que o “conflito violento é inevitável” (31%).

Nos Estados Unidos, 64% acham que os dois lados podem chegar a um entendimento e apenas 31% acreditam que o conflito é inevitável.

Quase metade dos americanos (49%) acha que as tensões entre o ocidente e o islamismo resultam de conflitos pelo poder político e de interesses, mas, um número significativo (38%) culpa “diferenças de religião e cultura” pela tensão.

O vício pode começar na farmacinha de casa

Sérgio Dario Seibel

O consumo de drogas, sobretudo por adolescentes, sinaliza algum desacerção do indivíduo com o grupo, ou alguma adaptação forçada ao mesmo.

O adolescente usa drogas como o meio a seu alcance para transpor dificuldades que causam desconforto emocional. Tal comportamento pode ter-se originado na própria família, sem que esta tenha se apercebido, através da mais prosaica “farmacinha”, instalada no banheiro de casa. Este “modelo farmacológico” acaba por formar uma cultura para o uso de drogas, desde a infância. Toda vez que sente alguma coisa, a criança conta com remédios à sua disposição, ministrados pelos pais. Como em todas as épocas, o adolescente sofre pressão do grupo social, que pode levá-lo ao vício. E enfrenta, cada dia mais, a imposição da mídia que, provoca a “glamourização” da droga. Propagandas sobre drogas, ditas legais, como álcool e cigarro passam a idéia de que as drogas legais levam à liberdade. É uma cultura que vai se formando também em relação aos tranquilizantes e anfetamínicos. O pai que toma a sua dose de Whisky e a mãe que toma seu tranquilizante para relaxar, estão nesse amplo contexto de exemplos.

Sérgio Dario Seibel é psiquiatra, pesquisador associado do Núcleo de Estudos Epidemiológicos em Aids, da Faculdade de Medicina da USP, e membro do Núcleo de Entorpecentes da Secretaria Estadual de Justiça.

Sérgio Dario Seibel é psiquiatra, pesquisador associado do Núcleo de Estudos Epidemiológicos em Aids, da Faculdade de Medicina da USP, e membro do Núcleo de Entorpecentes da Secretaria Estadual de Justiça.

Você é feliz?

Dorrien Mc Mahonu, da Universidade da Flórida, escreveu o livro “Felicidade – uma história” (Editora Globo, 2007) que afirma: quem faz essa pergunta para si mesmo, está deixando de ser feliz.

Há um campo científico para estudar o tema em que biólogos, neurocientistas, psicólogos e, até mesmo economistas, utilizam estatísticas, tomografia computadorizada por emissão de prótons – material radiativo (PET) e até mapeamento genético para examinar pessoas felizes.

Na verdade, estas tentativas de medir a felicidade, através de ferramentas ou fórmulas científicas, acontecem desde o século 18. Os filósofos, desde Aristóteles, têm estudado o assunto, associando-o à sorte e prazeres, mas, os filósofos contemporâneos não estudam o tema.

A felicidade tem uma dimensão cultural associada a questões sobre Deus, as virtudes, o significado da vida. Tudo isso gera anseios que não podem ser medidos no laboratório. Mesmo nos países mais ricos, não significa nada dizer que as pessoas são mais felizes, pois, como se sabe, dinheiro não compra felicidade.

Uma visão materialista do tema seria desastrosa, pois, perderia a inspiração da literatura, e deixaria de lado as tradições religiosas.

Concluindo, a felicidade tem tudo a ver com o fato de como o ser humano se adapta às situações sociais e à procura dos prazeres.



A disciplina salva

Vladimir Safatle

Um professor de filosofia que dedica seu tempo a ler tratados de medicina e relatos clínicos... Como se não bastasse esse emprego inusitado do tempo, ele acredita que tais tratados e relatos não versam apenas sobre o saber clínico, mas contam, à sua maneira, a história da razão e de seus processos de racionalização, na prática.

Uma história na qual as estruturas de racionalidade aparecem imbricadas em dispositivos de poder político.

Esse professor de filosofia, de práticas pouco ortodoxas, se chamava Michel Foucault. Ensinava **História dos sistemas de pensamento**, quando fazia uma reflexão sobre práticas médicas a fim de compreender a partilha entre normal e patológico e, no caso da doença mental, o que seria a solidariedade da razão curativa e processos de dominação política sobre o ser ou domínio da família ou Governo sobre o indivíduo. Esse foi o tema do seu primeiro livro “História da Loucura” (todos lembram que Stalin e Fidel Castro afirmavam que todos que pensam contra o regime, estão loucos). Recentemente foi publicado, em português “O Poder Psiquiátrico”, que estuda o advento da psiquiatria moderna por meio das reformas dos Hospícios do início do século 19.

A loucura será compreendida como doença mental, expressão de uma perda da liberdade sob a forma da “alienação”. Da mesma forma, será a primeira vez em que o internamento da loucura aparecerá não apenas como isolamento de quem perturba a ordem social e familiar, mas, principalmente, como dispositivo de cura.

Foucault procurou demonstrar como a cura psiquiátrica estava vinculada à implementação de práticas disciplinares visando a reconstrução de uma vontade autônoma.

Como se a prática psiquiátrica fosse, na verdade, um dispositivo de internalização da disciplina enquanto condição para a autonomia – essa mesma autonomia que permitiria ao indivíduo ser reconhecido como sujeito. Como se a verdadeira questão fosse expulsar, por meio da transformação da loucura em doença mental, tudo o que impedisse a constituição desta mais profunda ilusão da razão moderna: uma vontade que determina a si mesma.

Nesse sentido, Foucault seria aquele que nunca cansou de se perguntar: qual o preço a pagar por tal ilusão?

Vladimir Safatle é Professor do Departamento de Filosofia da USP, autor de “A Paixão do Negativo - Lacan e a Dialética” (Unesp).

História da Medicina

Curitiba está se preparando para receber, de 7 a 10 de novembro de 2007, os estudiosos por ocasião do **XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA MEDICINA**. A Sociedade Brasileira de História da Medicina (SBHM) foi fundada em 1997, e o Prof. Carlos da Silva Lacaz foi eleito seu primeiro presidente (1997-2001).

Medicina popular: superstições, crendices e mezinhas

O tema escolhido para a Tertúlia foi apresentado por Eduardo Campos, com boa memória e voz bem entoada, nos seus 84 anos, como fez questão de se apresentar. O autor é jornalista, radialista, teatrólogo, folclorista e poeta. Escreve uma coluna sobre o tema nos jornais dos Diários Associados e tem um programa na TV cearense, além de um livro sobre o assunto.

A Medicina Popular é uma prática muito antiga no Brasil, realizada pelos índios. Diferente da Medicina Científica, o indivíduo que vai ser tratado pela Medicina Popular é analisado sob dois aspectos básicos, ou seja, a saúde de seu corpo e a saúde de seu espírito, pois, muitas vezes, a pessoa não está com uma doença do corpo e, sim, com uma doença espiritual, como, por exemplo, o “mal olhado” (doença em que a pessoa fica abatida, sem ânimo, provocada pela inveja de outra pessoa).

Na prática, a Medicina Popular utiliza três formas de tratar os doentes: as plantas medicinais, as rezas e simpatias. Em alguns casos estas três formas podem ser empre-

gadas juntas, como fazem as rezadeiras que utilizam plantas medicinais para realizar as orações. A simpatia é feita pelo curador que conhece a doença, por experiência própria, e que “sente” o sofrimento dos outros. Simpatia vem do grego e significa “sentir com”. O amuleto é uma espécie de simpatia. Embora a simpatia não se explique, o seu funcionamento supõe alguma relação íntima entre homens, animais, plantas e planetas. A intuição desta profunda união não leva em conta as leis de causa-efeito. Conhecido em todo o Brasil, o benzimento ou bênção ou reza é um ritual de cura praticado, principalmente, nas regiões rurais.

Eduardo Campos, em “Medicina Popular do Nordeste: superstições, crendices e mezinhas” (1967), destaca que os saberes médicos trazidos pelos negros estavam também permeados de usos e costumes dos mulçumanos, pois, os árabes chegaram à África bem antes dos portugueses, e, em 1899, havia no Brasil apenas doze “médicos formados”, portanto, a maioria da população se valia da Medicina Popular — um misto

de crendices, superstições e conhecimentos estruturados na prática observada de uma geração para outra. O autor também conclui que para as populações pobres brasileiras, sobretudo das zonas rurais, o curandeiro(a), rezador, rezadeira, raizeiro(a) e as “comadres parteiras” existem, e quase sempre, para salvar vidas.

Academia Brasileira de Reumatologia



O Prof. Geraldo Wilson Gonçalves, historiador e ex-presidente da ABR recebe homenagem do Presidente e do Diretor de Eventos da ABR

Site da Academia

Grças aos esforços do Presidente Prof. Antonio Carlos Ximenes e do secretário geral Dr. Lauro Ventura Bandeira foi obtida a colaboração do laboratório Abbot – Humira para a reformulação do site da Academia.

Cada acadêmico efetivo e cada um dos beneméritos terão uma foto e uma pequena biografia. Os diversos Conselhos Regionais do Brasil já adotaram essa metodologia, que será implantada na Assembleia de Blumenau.

Novos Acadêmicos e regulamentação dos Estatutos da ABR

Numa reunião, realizada em Fortaleza, do Executivo da Academia, foi proposto que será normatizada a entrada de novos acadêmicos, observando, contudo, a idade e a titulação de cada um.

Jobim, o Gershwin brasileiro

O maestro, cantor e compositor carioca Antônio Carlos Brasileiro Jobim foi o inventor da Bossa Nova e o mais expressivo compositor da música popular brasileira. Completaria 80 anos no dia 25/01/07, aniversário de São Paulo, mas, morreu em 1994, aos 67 anos, em Nova York. Suas composições incorporaram à música brasileira influências do jazz americano e da música clássica, especialmente de Debussy e Villa-Lobos, com quem Jobim foi frequentemente comparado no início da carreira.

Sua primeira música gravada foi “Incerteza”, em 1953, parceria com Newton Mendonça. Em 1956, Jobim musicou a peça “Orfeu da Conceição”, de Vinícius de Moraes, trabalho que inaugurou uma das mais férteis parcerias da música brasileira. O sucesso “Se Todos Fossem Iguais a Você” é dessa peça. Em 1958, o compositor gravou o disco considerado o marco inicial da Bossa Nova, “Canção do Amor Demais”, com a cantora Elizeth Cardoso.

Em 1962, Tom Jobim fez sua primeira viagem aos EUA para apresentar um espetáculo de Bossa Nova no Carnegie Hall, em Nova York. O show causou grande comoção entre músicos americanos, que se apressaram a aderir ao movimento. Foi criado o “Brazilian Jazz”, nome pelo qual o gênero inventado por Jobim é também conhecido nos EUA.

Em 1967, foi lançado o disco “Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim”, que foi o segundo disco mais vendido, naquele ano, nos EUA, quando o carioca chegou a ser chamado de “Gershwin brasileiro”.

Durante a década de 70, a música de Jobim passou a refletir uma maior influência de compositores clássicos, especialmente Villa-Lobos, em composições instrumentais. Mas, a canção popular continuou sendo de importância central na obra do compositor. “Antonio Brasileiro”, seu último disco, foi lançado em 1994.

Jobim morreu no dia 8 de dezembro de 1994, em Nova York, no Hospital Mount Sinai, durante uma angioplastia. Seu corpo foi enterrado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.